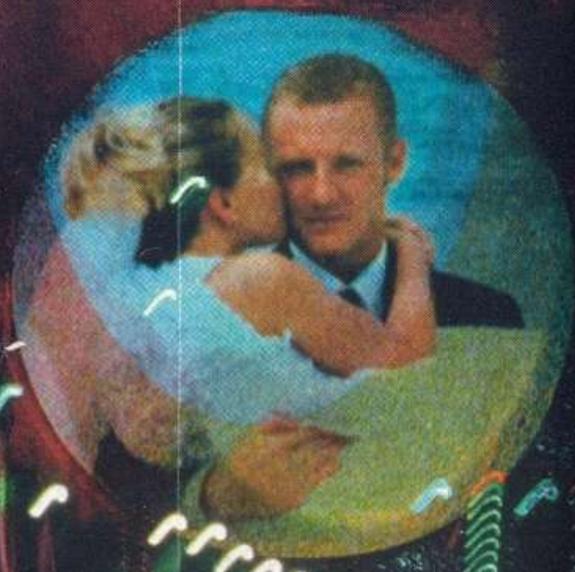


Mr. Justin Barber

B. 03/02/72



2



Dois milhões de motivos para

MATAR

Justin Barber disse que sua mulher foi morta num assalto. Mas as peças não se encaixavam... | POR KENNETH MILLER

CASAIS QUE BUSCAM um pouco de privacidade encontram na praia do parque estadual de Guana River o lugar ideal para um encontro tarde da noite. Escondida por moitãs, a faixa de areia se estende por um trecho solitário da Rota A1A, ao sul de Jacksonville, na Flórida. A entrada, ali, é oficialmente proibida depois do pôr-do-sol. Amantes mais aventureiros, porém, muitas vezes estacionam o carro na beira da estrada e passeiam pelas passarelas de madeira que cortam as dunas.

Justin Barber, 30 anos, e sua mulher, April, 27, tinham acabado de fazer exatamente isso no dia 17 de agosto de 2002. Estavam levemente embriagados, recordou Justin mais tarde, após celebrarem o terceiro aniversário de casamento com um jantar no restaurante italiano Carrabba, em Jacksonville, seguido por drinques tomados num bar. Por volta das 22h30, enquanto caminhavam à beira-mar, April de repente apertou a mão de Justin. Um homem alto, que vestia uma camiseta larga, se aproximou.

Tinha uma arma e gritava alguma coisa sobre dinheiro e chaves do carro. Justin ficou na frente de April. O revólver disparou. Ele se atracou com o desconhecido. Tudo escureceu.

Quando Justin voltou a si, viu que havia levado quatro tiros – um em cada ombro, um debaixo do mamilo direito e um que atravessara a mão esquerda. O homem tinha sumido. Justin chamou por April, e então a viu boiando na arrebentação, com o rosto voltado para baixo. Havia um buraco de bala calibre 22 do lado esquerdo do rosto dela. Ele a arrastou praia acima enquanto teve forças. Então largou-a e cambaleou até a estrada na tentativa de parar algum carro. Quando viu que ninguém pararia, entrou na sua Toyota, ligou o pisca-alerta e acelerou. Quase 16 quilômetros adiante, outro motorista fez sinal para que parasse e ligou para o número de emergência. Enquanto Justin era transferido para um hospital, a polícia e um grupo de resgate vasculharam a praia em busca de April.

O tenente Ben Tanner, do departamento do xerife do condado de St. Johns, encontrou-a. “Estava deitada com a cabeça na direção do mar”, conta ele. “O coração já não batia mais.”



Á UMA FOTO de April gravada em sua lápide; ela mostra uma mulher sorrindo, cabelos louros brilhantes e maçãs do rosto

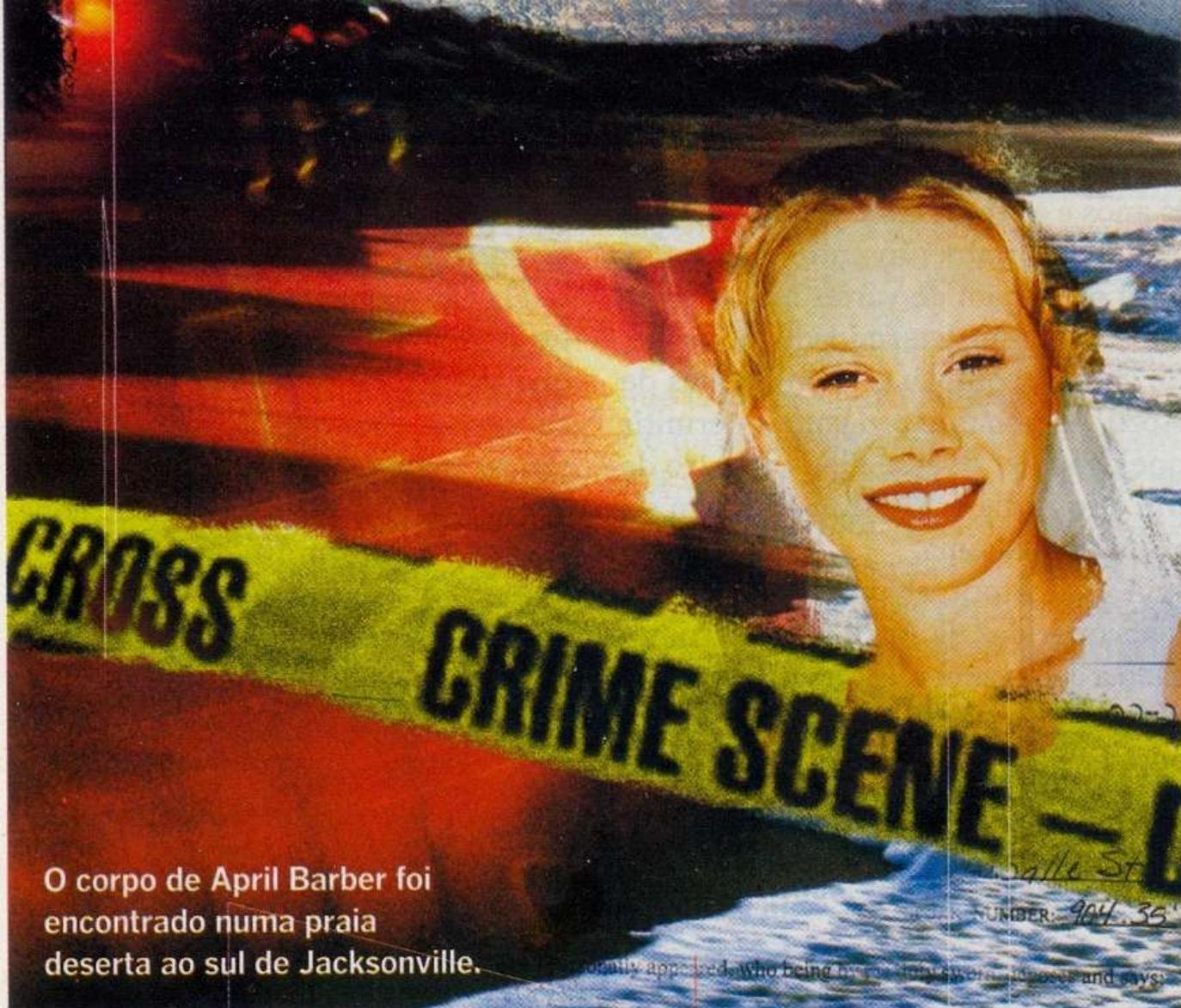
delicadas. Mas sua beleza não era apenas exterior. April havia sobrevivido a

uma tragédia familiar que a fizera dedicar as energias a ajudar o próximo, dos irmãos mais novos aos pacientes de câncer que tratava como radioterapeuta. “Ela dava mais valor aos relacionamentos do que a maioria das pessoas”, diz sua melhor amiga, Amber Mitchell, empresária de negócios pela Internet. “April valorizava a vida.”

Quem poderia querer apagar um espírito tão iluminado? Justin dizia aos investigadores acreditar que o culpado fosse um assaltante ensandecido. Mas pessoas próximas a April tinham outra teoria: suspeitavam que o assassino fosse alguém que ela conhecia.

APRIL CRESCEU em Hennessey, Oklahoma, uma ilha de lojinhas seculares e lares modestos no meio de uma pradaria sem fim. Ali, ela se destacava: excelente aluna, simpática e extrovertida, tão confortável num rodeio quanto num laboratório de Biologia.

Quando April cursava o último ano da escola secundária, sua mãe recebeu o diagnóstico de câncer no pulmão e morreu seis meses depois. O pai de April, operário de um campo petrolífero, não conseguiu mais cuidar dos filhos. Apesar de outros parentes os terem acolhido, April se tornou uma espécie de mãe substituta para os irmãos – Julie, à época com 9 anos, e Kendon, então com 1. Ainda assim, a moça tirava boas notas na escola. Cursou o programa preparatório para a Faculdade de Medicina na Universidade Estadual de Oklahoma e, a seguir, estudou Radioterapia na Universidade de Oklahoma.



O corpo de April Barber foi encontrado numa praia deserta ao sul de Jacksonville.

Em outubro de 1998, Amber Mitchell apresentou April a um colega de turma da Faculdade de Administração – um louro bonitão chamado Justin. Os dois se entenderam imediatamente. April havia saído com alguns rapazes dos quais a fidelidade não era o forte; Justin parecia diferente.

Ele falava em valores cristãos. Fora criado numa cidadezinha ainda menor do que Hennessey, e cuidara do gado da família com o irmão mais velho na propriedade de quase 50 hectares pertencente aos pais. De menino calado e solitário, transformou-se em atleta de destaque na escola secundária e se formou em primeiro lugar. Havia se casado na faculdade e passara alguns anos entre vários empregos mal remunera-

dos. Mas quando conheceu April, tinha acabado de se divorciar e estava cheio de planos. “Ele era um dos mais brilhantes alunos da nossa turma”, conta Amber. “April sentiu-se atraída pela sua energia.”

April e Justin ficaram noivos; logo depois, ele se mudou para Dallas, ao aceitar um emprego de analista financeiro numa empresa de produtos madeireiros. Os dois mantiveram um relacionamento de longa distância até o dia 4 de agosto de 1999, quando se casaram numa pequena cerimônia nas Bahamas.

Por causa do emprego de Justin, mudaram-se para a Georgia, onde April arranhou emprego num hospital. Um mês depois, os irmãos dela foram

morar com eles, e os problemas começaram. Na época, Julie estava com 15 anos e era uma adolescente rebelde; seu comportamento enfurecia Justin, e foi o estopim de várias brigas entre ele e April. Em determinado momento, de acordo com vários confidentes de April, Justin ameaçou jamais permitir que a mulher tivesse filhos. Dentro de um ano, Julie e Kendon estavam de volta a Oklahoma.

A essa altura, algumas das pessoas mais queridas de April haviam começado a detectar em Justin um padrão de comportamento muito estranho. “Ele parecia ser demasiadamente preocupado com as aparências”, disse uma tia de April, Patti Parrish, juíza de uma vara cível. Justin começou a experi-

mento num bairro elegante, e os dois se viam nos fins de semana. Normalmente, era April quem fazia a viagem de carro de três horas para vê-lo.

Ela não estava pronta para abrir mão de Justin. Ele podia ser encantador quando queria, e suas críticas se encaixavam com algumas das inseguranças mais profundas de April. “Ela era muito dura consigo mesma”, conta Amber. “April aturava muita coisa dos homens que passaram por sua vida.” Ainda assim, em determinado momento, ela sempre dava um basta.

O HOMEM DEITADO na cama do hospital tinha a fala mansa, era bem-apesoadado e parecia ansioso por ajudar a capturar o assassino de sua mulher.

Amber e Patti logo pensaram:

mentar calças *jeans* da época da escola, e fez dieta até caberem nele. Pelas costas, caçoava do excesso de peso da mãe, criticava publicamente o sotaque cantado de April, sua forma de se vestir e o seu peso. Pediu-lhe que não o envergonhasse na festa de Natal da empresa, e a desestimulava a lhe telefonar ou enviar *e-mails* para o trabalho. Quando suas “farpas” a faziam chorar, ele caçoava do choro. E, no entanto, April tolerava os seus maus-tratos.

Mas, em janeiro de 2001, quando Justin foi transferido para Jacksonville, April decidiu ficar. “Ela me disse que se os dois continuassem a viver juntos, iam acabar se matando”, conta Amber. Justin comprou um aparta-

Mas algo nele deixava o detetive Howard Cole desconfortável. O relato de Justin do ataque que sofrera era estranhamente “certinho”. “A linguagem corporal e a conduta não pareciam apropriadas”, diz Cole, 35 anos, designado para dirigir as investigações.

Nos dias que se seguiram, as suspeitas de Cole aumentaram. A história de Justin era vaga, e os detalhes não paravam de mudar. O caso levantava uma imensa quantidade de perguntas. Como Justin escapara com ferimentos leves – ele havia deixado o hospital apenas com o braço numa tipóia – quando a mulher fora morta com um único tiro? Por que ele insistia que ela havia bebido, quando o teor de álcool

em seu sangue era zero? Por que ele havia deixado o celular em casa naquela noite e por que não usara o de April, que estava na bolsa dela, no chão do carro, do lado do carona? O que o fizera ir tão longe em busca de socorro quando havia mansões e postos de gasolina no caminho?

Enquanto isso, amigos e parentes de April ponderavam possíveis respostas. Tia Patti se lembrou de que, no verão de 2001, April lhe contara que Justin queria fazer um seguro de vida para os dois no valor de 2 milhões de dólares. “Ela me perguntou se eu não achava esquisito que ele tivesse optado por um valor tão alto”, diz Patti. “Eu disse que sim, mas que não acreditava que eles tivessem os requisitos

“FOI O JUSTIN.”

necessários para um prêmio tão caro. Ela me ligou no dia seguinte e disse: ‘A senhora não pode falar nada ao Justin. Ele vai ficar uma fera se descobrir que eu lhe contei.’”

Justin encontrou uma seguradora disposta a fazer a cobertura. Não muito tempo depois, April começou a suspeitar que ele estivesse tendo um caso. Contou a Amber que havia encontrado um brinco no quarto dele, e em julho de 2002 descobriu que o marido vinha jogando tênis regularmente com a representante de uma agência de aluguel de carros chamada Shannon Kennedy. Apesar das advertências de Justin, April lhe enviou um *e-mail* pedindo que ele lhe contasse quando co-

meçasse a sair com outras mulheres. Justin lhe respondeu com uma mensagem sarcástica na qual listou todas as mulheres para as quais havia olhado naquele dia.

April contou ao chefe, Ramesh Nair, que ia confrontar Justin no aniversário de casamento deles – 4 de agosto. Ela visitou o marido naquele fim de semana; ao voltar, contou a Nair que havia ameaçado terminar o casamento, mas que Justin tinha negado tudo. Ela parecia agitada. Na sexta-feira, dia 16, voltou a Jacksonville.

Na noite seguinte, estava morta.

Esta foi a primeira idéia que passou pela cabeça de Amber e Patti: “Foi Justin.” E Nair se lembrou de alguns meses antes, quando, “sem mais nem menos,

April disse: ‘Se algum dia algo acontecer comigo, pode suspeitar dele.’ Eu respondi com uma piada e ela fez cara de que havia ficado magoada, como se dissesse: *Você não está me levando a sério. Não se esqueça disso.*”

O CORPO DE APRIL foi levado de avião para uma casa funerária em Hennessey. Justin, parecendo muito distante, deu de ombros quando lhe pediram que tomasse decisões sobre o funeral. Ele perguntou a Patti se ela poderia pagar as despesas do enterro.

– E os 2 milhões de dólares? – devolveu ela.

Sobressaltado, ele indagou:

– April lhe contou?

Então ele disse achar que a apólice não valia mais. Patti pesquisou e descobriu que valia, sim.

No funeral, na Primeira Igreja Batista de Hennessey, uma multidão de 300 pessoas transbordava dos bancos. Muitos presentes ficaram impressionados com a incapacidade de Justin de chorar, embora parecesse estar tentando. No dia seguinte, Patti telefonou para o detetive Cole. Contou-lhe o que sabia e o colocou em contato com Amber.

Durante uma busca no apartamento de Justin, Cole encontrou a apólice de seguro num arquivo. Levado para interrogatório, Justin negou ter um caso com Shannon Kennedy até lhe dizerem que ela estava na sala ao lado; então ele insistiu que, de modo geral, seu casamento havia sido tranquilo.

Cole sabia que estava lidando com um mentiroso, mas prender Justin por homicídio já era outra questão. O crime não tinha testemunhas; nenhuma arma havia sido encontrada. Até mesmo o motivo permanecia vago. Justin era um profissional em ascensão, com um salário anual perto dos 70 mil dólares; sua mulher ganhava quase o mesmo. Vivendo longe dela, ele podia traí-la com relativa impunidade. Será que ele a teria matado – e dado alguns tiros em si próprio – apenas para melhorar seu padrão de vida?

Cole e sua equipe viajaram à Geórgia e a Oklahoma para entrevistar as pessoas que conheciam Justin e April, bem ou apenas superficialmente. Reviraram os registros financeiros do

casal e os arquivos de computador de Justin. Analisaram manchas de sangue, relatórios de balística e os hematomas no corpo de April. Em julho de 2004, tinham provas suficientes para prender Justin, mas foram necessários mais dois anos de trabalho preliminar – e, mais fundamentalmente, avanços em computação forense – antes de estarem prontos para ir a julgamento.



S PROCEDIMENTOS tiveram início no dia 12 de junho de 2006, num tribunal em St. Augustine, na Flórida. Cole ocupou a tribuna apenas brevemente. Muito do que os detetives haviam desencavado foi considerado inadmissível em juízo: as conversas de April com Nair, por exemplo, e o fato de Justin, antes do assassinato, ter comprado no *site* eBay um colete à prova de balas. Por outro lado, o caso chamou a atenção para alguns fatos bastante cruéis.

Em primeiro lugar, havia os casos amorosos. Descobriu-se que Justin tivera pelo menos cinco durante o casamento de três anos. O caso com Shannon Kennedy parecia ter sido o mais sério. Pouco antes do assassinato, ele a convidara para ir à Califórnia; dois dias depois, passara em seu escritório exigindo vê-la. Perseguiu-a durante mais algumas semanas, antes de se transferir para Portland, Oregon, onde logo se envolveu com outra mulher.

A seguir, havia a questão do dinheiro. Sem que a mulher soubesse,

Justin tinha uma dívida de 58 mil dólares com cartões de crédito, a maior parte da qual relativa à negociação de ações *on-line*. “Por mais simples que possa parecer, neste caso a força de expressão é verdadeira”, disse o assistente da promotoria, Matt Foxman, ao júri. “O réu tinha mesmo dois milhões de motivos para cometer o crime.”

Com relação ao método, os promotores argumentavam que Justin passara um ano planejando o crime. As provas mais incriminadoras vinham de seu *laptop*. No dia 9 de fevereiro de 2002, Justin havia feito uma busca no *Google* pelas palavras “trauma médico peito direito”. No dia 14 de fevereiro, tentou “ferimento bala peito direito”. O promotor perguntou: “Qual é a probabilidade de uma pessoa que pesquisa ‘ferimento a bala no peito direito’ acabar recebendo um ferimento a bala do lado direito do peito seis meses depois?”

NO DIA 19 DE JULHO, Justin pesquisou no *Google* “Flórida divórcio” e, sem dúvida, descobriu que se April o deixasse ele não poderia mais ser o beneficiário da apólice de seguro. E, no dia 17 de agosto, uma hora antes do passeio fatal, ele baixou 16 músicas pela Internet.

Entre elas estava *Knockin’ on heaven’s door* (Batendo à porta do céu), cantada pelo Guns N’ Roses. Outra canção do grupo deixava bem claras as suas intenções: *Used to love her – But I had to kill her* (Eu a amava – mas tive de matá-la). Foxman tocou a faixa no tribunal. Justin, disse ele, estava se pre-

parando psicologicamente para matar.

Por fim, havia a evidência encontrada na cena do crime. Justin afirmou ter tirado April de dentro da água depois que ela recebera o tiro, carregando-a em pelo menos nove posições diferentes. Mas o sangue em seu rosto fluía todo em uma única direção, sugerindo que ela havia levado o tiro na passarela e fora deixada ali até morrer. Espuma encontrada no nariz e na boca indicava que ela havia sofrido “uma experiência de quase afogamento” antes de receber o tiro.

Foxman expôs a sua teoria: Justin tivera a intenção de atirar em April, colocar seu corpo no carro e sair em busca de “ajuda”. O esquema foi por água abaixo quando ela tentou fugir. Ele a segurou debaixo d’água até ela parar de lutar, então a arrastou até o passadiço, onde atirou nela e nele próprio. O plano mais uma vez deu errado quando a dor que ele sentia o impediu de carregá-la até mais longe. Justin precisou modificar sua tática, disse Foxman, mas jamais mudou a estratégia: “Ele queria os 2 milhões, a compaixão por ter recebido os tiros, e mais: parecer um herói por ter tentado salvar a mulher. Enfim, ele queria o pacote inteiro.”

O ADVOGADO DE JUSTIN, Robert Willis, asperamente apresentou interpretações alternativas para cada prova. Mas o comportamento de Justin em outro tribunal, três anos antes, pode ter influenciado a opinião do júri tanto quanto qualquer argumento apresentado pelos advogados.

Na metade do julgamento por homicídio em primeiro grau, os promotores do caso exibiram o vídeo de um depoimento dado por Justin em 2003 como parte de um processo cível relacionado a lucros provenientes do seguro. (O caso permanece aberto.)

Na fita, o advogado do autor da queixa submete Justin a um interrogatório com perguntas a respeito do ataque, dos casos que teve e da sua vida sexual com April. Justin afirma não se lembrar de alguns detalhes básicos, mas responde até mesmo às perguntas mais perturbadoras com calma incomum. A boca está virada para baixo e ele seca os olhos uma única vez. Além disso, demonstra pouca emoção. Quando o advogado lhe pede que recorde os pontos altos de seu casamento, Justin diz: “Estávamos apaixonados.” Quando pressionado para dar maiores detalhes, declara: “Eu não me lembro, especificamente.”

Ele também pareceu impassível quando os jurados do processo criminal, após 33 horas de deliberações, anunciaram o veredicto: culpado. Aqueles que o apoiavam choraram,

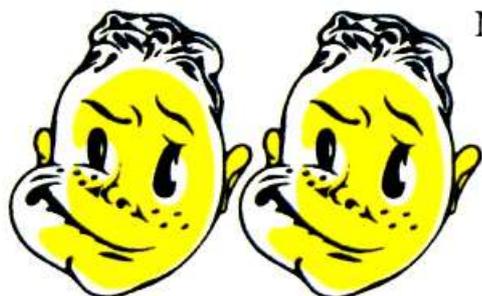
assim como os que choravam a perda de April. Justin mal piscou os olhos, até quando o júri recomendou a pena de morte uma semana depois. (Posteriormente, o juiz Edward Hedstrom o sentenciou à prisão perpétua sem direito a condicional, e Willis jurou recorrer.) “Esse tipo de indiferença é um sintoma clássico da sociopatia”, diz a psicóloga da Universidade do Texas Shari Julian, conhecida especialista no transtorno.

“A verdadeira marca de um sociopata é o fato de sempre usar uma máscara”, observa Shari. “Incapazes de se conectar emocionalmente, sociopatas aprendem a satisfazer os seus desejos sem ser pegos. Tendem a ser inteligentes, carismáticos e monstruosamente manipuladores.”

“Ele é uma pessoa muito dócil”, diz Linda, mãe de Justin, que ainda acredita em sua inocência. “É um bom rapaz.”

Mas Amber Mitchell comemora o fato de a máscara ter, enfim, caído. “Este foi um capítulo longo e terrível das nossas vidas”, diz ela. “E eu quero que o júri saiba que acertou em cheio.”

FIGURINHA REPETIDA



No primeiro dia de aula, meu filho chegou em casa todo animado, contando o que havia feito na escola.

- Os seus colegas são legais? - perguntei.
- São muito legais! Tem um que é repetido.
- Não é repetido, Guto, é repetente. Deve estar fazendo a 1ª série de novo.
- Não mãe, são dois! Um é igualzinho ao outro.

ELVE POHLMANN, Porto Alegre (RS)